

Notas sobre um sítio arqueológico deslocado: as pinturas rupestres São-Franciscanas de Andrelândia, sul de Minas Gerais

Márcio Mota PEREIRA¹

¹ Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal de São João del-Rei, Mestre em Bens Culturais pela Fundação Getúlio Vargas e Doutorando em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. Av. Antônio Carlos, 6627 (PPGHIS/FAFICH), Pampulha, Belo Horizonte – MG, CEP: 31270-901, drmmota@yahoo.com.br.

NOTAS SOBRE UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO DESLOCADO: AS PINTURAS RUPESTRES SÃO-FRANCISCANAS DE ANDRELÂNDIA, SUL DE MINAS GERAIS

RESUMO

Este artigo, síntese de minha monografia de conclusão de curso, visa apresentar as discussões realizadas à luz da classificação das pinturas rupestres do sítio arqueológico da Toca do Índio, localizado no município de Andrelândia, Sul de Minas Gerais. A problemática apresentada refere-se à possível classificação das pinturas em questão enquanto pertencentes à Tradição São Francisco de pinturas rupestres, destoando da classificação regional que agrupa as representações do entorno enquanto pertencentes à Tradição Planalto.

PALAVRAS-CHAVE: Pinturas rupestres; Tradição São Francisco; Sítio arqueológico da Toca do Índio.

ABSTRACT

Cet article, synthèse de ma thèse de fin du cours, est de présenter les discussions à la lumière de la classification des les peintures rupestres du site archéologique de Toca do Índio, situé dans la municipalité de Andrelândia, au sud de Minas Gerais. La question soulevée concerne la possible classification des peintures en question comme appartenant à la tradition São Francisco de peintures rupestres, différemment de la classification qui assemble les représentations de la region comme appartenant à la tradition Planalto.

MOTS-CLÉS: Peintures rupestres; Tradition São Francisco; site archéologique de La Toca do Índio.



INTRODUÇÃO

O presente artigo, síntese de minha monografia de conclusão de curso² tem por finalidade expor as peculiaridades do sítio arqueológico da Toca do Índio, localizado no município de Andrelândia, Sul do Estado de Minas Gerais. Apesar da região em questão não possuir a mesma concentração de sítios arqueológicos como outros pólos arqueológicos do país, a saber, São Raimundo Nonato ou Santa Luzia, estes se fazem presentes ainda que em menor número, demonstrando também através do inventário material que apresentam uma grande diferença temporal de ocupação.

A cidade de Andrelândia conta com aproximadamente 12.172 habitantes³, tendo como referência para sua localização o sopé da serra de Santo Antônio, região que comporta uma quantidade ainda não determinada de sítios arqueológicos pré-históricos sendo que destes, apenas cinco já foram cadastrados junto ao Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, a saber: Serra do Santo, Cavinha do Porto, Pedra da Onça, Pedreira, e o sítio arqueológico da Toca do Índio que será alvo de nossa atenção neste estudo.

A Serra de Santo Antônio, com 16 km de extensão (denominada desta forma pela primeira vez em documentação histórica no ano de 1856, assumindo desde então este topônimo⁴) é parte integrante da Serra do Turvo que por sua vez integra a Serra da Mantiqueira, importante relevo topográfico do Sul de Minas.

A Toca do Índio está localizada dentro dos limites territoriais do Parque Arqueológico da Serra de Santo Antônio, reserva particular criada no ano de 1986 com a finalidade de proteger o sítio arqueológico em questão. Esta unidade de conservação cultural por sua vez pertence ao Núcleo de Pesquisas Arqueológicas do Alto Rio Grande – NPA, organização não governamental criada com o intuito de conservar e divulgar o patrimônio arqueológico, histórico, cultural e ambiental daquele município.⁵ O parque possui uma área de aproximadamente 12,00 ha. (doze hectares), com altitudes variando entre 1.000 e 1.200 metros em relação ao nível do mar e apresenta uma vegetação composta de matas de galeria com características de mata atlântica em fase de transição para cerrado. O estabelecimento do Parque Arqueológico da Serra de

² PEREIRA, Márcio Mota. *A filiação das pinturas rupestres da Toca do Índio, Andrelândia – MG* (Monografia de conclusão de curso). São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei, 2007. 57 p.

³ População estimada em 2006. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/>>. Acesso em 05-05-2007.

⁴ MIRANDA, Marcos P. S. Serra de Santo Antônio: a origem deste nome. In: *NPA Informa*. N° 8 - Outubro Andrelândia: 2000. p. 8

⁵ Mais informações sobre o Núcleo de Pesquisas Arqueológica podem ser encontradas no sítio da instituição: <http://www.npa.org.br/index.php>

Santo Antônio através da iniciativa do NPA caracterizou-se como uma medida emergencial, uma vez que a área onde o mesmo se localiza vinha sendo alvo de ações predatórias, como a retirada da mata para formação de campos de cultura e de pastagens.

O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA TOCA DO ÍNDIO

O sítio arqueológico da Toca do Índio constitui-se como um abrigo rochoso protegido por um paredão de pedra quartzítica situado na base de uma elevação que compõe a Serra de Santo Antônio. O abrigo, onde estão localizadas as pinturas rupestres que se apresentam como a principal evidência de ocupação humana pré-histórica se estende por 58 metros ao longo do paredão retilíneo sendo que o patamar em que estão localizadas as pinturas rupestres conta com aproximadamente 20 metros de comprimento. A escolha do suporte parece ter respeitado a prerrogativa da existência de água no entorno uma vez que esta pode ser encontrada há menos de 150 metros do sítio. O local, por estar em uma face rochosa negativa não se caracteriza por ser um paredão exposto, oferecendo proteção para as pinturas contra as ações das intempéries. A situação do sítio sugere que ele pode ter servido de abrigo permanente a populações pré-históricas. Os grupos mais recentes de horticultores cerâmicos o ocuparam ocasionalmente, sendo os seus vestígios descobertos pouco abaixo da superfície atual do sítio através de escavações arqueológicas realizadas no final da década de 1980 por uma equipe da Universidade Federal de Minas Gerais (Jesus *et al*, 1989). Estes vestígios podem ser descritos como uma grande variedade de pontas de lança e outros instrumentos líticos tais como mãos de pilão, machados utilitários e cerimoniais; além de instrumentos cerâmicos, principalmente urnas funerárias e utilitárias, e restos ósseos.

Nesta prospecção citada, a qual foi orientada pelo arqueólogo André Prous, foram detectados três níveis estratigráficos de sedimentos arqueológicos. O mais antigo continha carvões que foram datados em cerca de 3030 ± 240 BP, revelando o período temporal mais distante de ocupação do sítio. No piso intermediário foram encontrados restos ósseos, resquícios de corante (vermelho e laranja), cerâmicas e uma lasca basáltica e no terceiro piso, mais recente, foram encontrados manchas de fogueiras com a presença de muitos sedimentos líticos e de carvões. Quanto aos vestígios alimentares foram encontrados restos de gastrópodes (caramujos), fragmentos de carapaças de tatus, frutos de palmáceas, restos ósseos de cervídeos, de aves, de tartarugas e de peixes⁶ demonstrando a importância do sítio que talvez

⁶ PROUS, André; MALTA, Ione e JESUS, Soraia. Lês Pintures Rupestres de la “Toca do Índio”, Andrelândia, Minas Gerais, Brésil. *Archives e Documents*. Paris, v. 87, 1987. Pág. 10.

não fosse apenas um local de passagem, mas que talvez tenha servido como abrigo permanente.

A distribuição das pinturas foi realizada em uma grande extensão do abrigo, sendo que a sua altura na maioria das vezes não ultrapassa 2 metros e meio do solo atual, tendo ainda um conjunto de representações (um sáurio, um quelônio, um geomorfo e uma possível representação astronômica) localizados em uma altura superior a 4,5 metros do solo atual, demonstrando talvez sua importância perante o restante do painel e certamente ainda a necessidade de utilização de uma árvore por onde o acesso ao local fosse privilegiado ou ainda a remota construção de “andaimas” para a sua realização. É possível ainda a presença de grafismos não visíveis no paredão, em um nível abaixo do solo, ocorrência comum devido aos processos de sedimentação de resquícios minerais e orgânicos que ocorrem no local.

Algumas figuras foram realizadas de acordo com a morfologia da rocha, sendo aproveitada a irregularidade da superfície do paredão (clivagens, depressões, elevações...) para a composição das figuras.



Figura 01 - Imagens de representações geométricas da Toca do Índio. (Foto do Autor, julho de 2007).

Na figura 01, pode-se perceber facilmente o desprendimento ocorrido na parte inferior da imagem, responsável por seccionar uma determinada representação, em vermelha preenchida internamente em branco. Logo abaixo surgem novas representações policrômicas que foram



realizadas após este desprendimento. A grande presença de representações geométricas policrômicas pode ser constatada na figura 02, havendo a presença ainda de um saurídeo monocromático na cor vermelha, no lado esquerdo da imagem.

SÍNTESE DA CLASSIFICAÇÃO DAS PINTURAS RUPESTRES

Quando da busca pela identificação da filiação de um determinado conjunto de pinturas rupestres, podemos fazê-la a partir da seguinte forma: Será procedida através da comparação visual entre as pinturas em questão e outras pinturas presentes na mesma região ou mesmo em outros locais, buscando observar similaridades nas mesmas - traços, cores, formas, materiais empregados nas tintas (corantes animais, vegetais e minerais), metodologia do feitiço, emprego de objetos para sua confecção, dentre outras particularidades e similaridades em que poderemos nos basear para classificá-las. Diante disso, identificamos os vínculos comuns que determinarão a que Tradição⁷ de pinturas rupestres pertencem as imagens analisadas.

De modo a situar o leitor leigo no panorama das tradições de pinturas rupestres brasileiras, apresentamos uma rápida síntese do assunto. As tradições de pinturas rupestres são os grupos pelo quais são classificadas as imagens realizadas por populações pré-históricas. Estes grupos são divididos temporalmente e geograficamente, de modo que espera-se que qualquer pintura rupestre possa ser classificada enquanto pertencente à alguma tradição, de acordo com a data em que foi realizada ou mesmo segundo sua localização geográfica. Gaspar (2003, 29) afirma ainda que “uma tradição implica certa permanência de traços distintivos, geralmente temáticos. O que caracteriza uma tradição frequentemente é a presença maior ou menor de representações figurativas humanas, de animais e vegetais”.

São reconhecidas enquanto tradições de pinturas rupestres aplicadas ao território brasileiro as seguintes denominações, acompanhadas de suas respectivas localizações geográficas: Tradição Planalto, deste o Paraná até a Divisa dos Estados de Minas Gerais e Bahia; Tradição São Francisco, ao longo do rio homônimo; Tradição Nordeste, tendo seu epicentro na região de São Raimundo Nonato, Sudeste do Piauí; Tradição Meridional, na região Sul do país; Tradição Litorânea Catarinense, para esta região; Tradição Geométrica, abarcando pinturas e gravuras majoritariamente geométricas no Nordeste do país; Tradição Agreste, sendo esta considerada originária da Tradição Nordeste e, por fim, a Tradição Amazônia de pinturas rupestres, englobando toda esta vasta região.

⁷ O termo Tradição pode ser caracterizado por um conjunto de elementos similares responsáveis por agrupar um determinado número de pinturas como tendo uma única origem cultural.

Conforme pesquisas anteriores relacionadas à Tradição Planalto, estas podem ser encontradas em diversos estados, principalmente no Sudeste do país. Para Prous (1992: 515), a Tradição Planalto está distribuída pelo planalto central brasileiro desde sua fronteira, entre Paraná e São Paulo até o Estado da Bahia, sendo que seu foco principal parece estar no centro de Minas Gerais. Esta Tradição é caracterizada pela utilização quase que monocromática do vermelho e, esporadicamente, do branco, do amarelo e do preto, tendo como representações pictóricas predominantes elementos antropomorfos e zoomorfos – cervídeos principalmente.

Já a Tradição São Francisco é caracterizada pela sobreposição de representações geomorfas que perfazem entre 80 e 100% de suas sinalizações, contando ainda com representações zoomorfas sendo que estes são em sua maioria peixes, pássaros, cobras, saúrios e tartarugas. Ao contrário da Tradição Planalto, é praticamente constante o aparecimento da bicromia ou policromia, ou seja, pinturas que foram feitas com duas ou mais tonalidades de cores. Esta Tradição, como já foi mencionado, é representada amplamente no Vale do Rio São Francisco em Minas Gerais, Bahia e Sergipe, bem como nos estados de Goiás podendo-se se estender até a Bolívia (Prous, 1992, 525).

Apesar de alguns autores considerarem que os limites estabelecidos para a Tradição São Francisco estão consolidados, ainda há muitas controvérsias quanto a sua aceitação em função da disposição de suas representações como sendo uma Tradição ou mesmo uma subdivisão de outra tradição nordestina. Estas incongruências são resultados de distintas metodologias de análise da arte rupestre e da busca por suas filiações. Segundo Martin (2005, 285), o problema é subjacente à ambigüidade das definições e à escolha do que pode ser considerado “geométrico” para definir uma Tradição com este nome. Martin ainda fala da facilidade em considerar o que não é biomorfo como geométrico, tornando genérico o que não pode ser classificado especificamente.

A PROBLEMÁTICA DA CLASSIFICAÇÃO DAS PINTURAS RUPESTRES DA TOCA DO ÍNDIO

Pela lógica da distribuição das pinturas rupestres de acordo com suas respectivas tradições era de se esperar que fossem encontrados nesta região sul-mineira apenas sítios arqueológicos munidos de pinturas rupestres associadas à Tradição Planalto. Entretanto, o sítio arqueológico da Toca do Índio destoa desta prerrogativa apresentando pinturas rupestres que, à *priori*, podem ser classificadas segundo as características da Tradição São Francisco que por sua vez deveria abarcar outra região do país. Desta forma, pretendemos demonstrar a



possibilidade de certa flexibilidade no posicionamento destas classes representativas em um determinado território. Sendo assim, esta hipótese constitui-se como problema em nosso estudo.

As representações pictóricas da Toca do Índio são bastante diversificados permitindo a organização dos grafismos em diferentes grupos, a saber; geométricos, biomorfos e materiais de uso cotidiano. Os grafismos geométricos, como círculos simples monocromáticos, círculos concêntricos policromáticos e linhas paralelas bicromáticas ou transversais monocromáticas na cor vermelha predominam no sítio. Já as representações animais compõem uma porcentagem relativamente pequena sendo que estas em momento algum são atravessados por linhas transversais que compõem o repertório dos grafismos geométricos. Estas linhas, por sua vez, são desviadas das representações zoomorfas quando na iminência de uma sobrepor-se a outra. Há ainda certas imagens que podem ser identificadas como objetos destinados à caça, como lanças e propulsores.

Ainda não foram realizados testes de modo a estabelecer as datações dos registros rupestres. Entretanto, não seria necessário aplicar estudos invasivos sobre o painel de modo a obter fragmentos das composições uma vez que parte do painel despreendeu-se do todo, oferecendo material próprio para a datação.

Observando-se a estratigrafia pictural (superfícies e descamações dos grafismos) que compõe o painel pictórico da Toca do Índio podemos identificar distintos períodos cronológicos representados, assim como as filiações estilísticas individuais das representações em questão. Desta forma, conseguimos distinguir três níveis cronológicos de pinturas. Segundo (Malta e Jesus, 1985, 10 - 11), no mais antigo as figuras “seriam monocromáticas em vermelho. No nível intermediário aparece a bicromia vermelho-amarelo e as figuras monocromáticas amarelas aumentam numericamente. Já no nível mais recente surgem grandes linhas vermelho-amarelas que cortam o paredão longitudinalmente e seis figuras em branco ou em bicromia branco-vermelha e riscos em preto, realizados através de carvões”. Em uma análise visual mais acurada, pode-se perceber que algumas figuras brancas parecem, em vários momentos, reforçar ou retocar figuras vermelhas realizadas em épocas anteriores.

Quanto à localização destas pinturas de características são-franciscanas, pode-se notar em um primeiro momento a incoerência existente entre a posição geográfica das pinturas da Toca do Índio e a territorialidade da Tradição Planalto na composição estilística do painel. A simples existência de policromias (amarelo, branco e preto) em detrimento da monocromia vermelha assim como a presença de representações geométricas e a ausência de representações antropomorfas sucinta dedicação à resolução desta questão.



No entanto, fato que deve ser observado em se tratando de uma possível ocorrência de Tradição São Francisco em uma região análoga é a ausência de “grades”, bastonetes ou pentes, símbolos típicos da Tradição São Francisco e que na maioria das vezes interage com as raras figuras antropomorfas ou mesmo com representações zoomorfas.

No sítio encontra-se apenas uma representação que possivelmente caracteriza um bio-antropomorfo, ou seja, um antropomorfo estilizado. Ainda que a Tradição São Francisco seja desprovida na maioria das vezes destas representações, as que se apresentam quase sempre são na maioria das vezes compreensíveis, sendo que a que está presente na Toca do Índio apenas assemelha-se a um.

Soma-se a este fato outra característica da Tradição São Francisco presente no painel em questão que é a quase ausência de representações biomorfas. Na Toca do Índio podem ser encontradas algumas figuras de saurídeos na cor vermelha e amarela, ocorrências nem sempre presentes na Tradição São Francisco (Prous, 1992: 525). Nota-se também uma representação biomorfa na cor vermelha caracterizando possivelmente um quelônio, onde distingue-se facilmente as patas, a cabeça e a cauda do zoomorfo sendo que do lado inferior encontra-se ainda uma caracterização geométrica, corroborando a presença elevada do geometrismos nesta Tradição de pinturas rupestres.

Malta e Jesus (1985) deixam claro que pela temática pictórica, “a Toca do Índio pertence à tradição São Francisco”. Mas por outro lado, classifica o sítio como não possuindo uma tradição representada, deixando a possibilidade de se tratar de uma face (subtradição) regional, sendo que para isso ainda há a necessidade de averiguar a existência de outros sítios similares na região.

Nas Figuras 03 e 04 apresentamos parte do painel de pinturas rupestres da Toca do Índio. Constata-se que são em sua maioria representações geométricas onde preponderam os círculos concêntricos preenchidos, as linhas em “zigzague” policrômicas e a representação de um lançador de flechas na cor vermelha, à esquerda da Figura 03. Na Figura 04 pode-se visualizar a complexidade das representações policrômicas, manifestação característica da Tradição São Francisco.





Figura 02 – Representações geométricas policrômicas e saurídeo monocromático na cor vermelha, no lado esquerdo da imagem. (Foto do Autor, julho de 2007).



Figura 03 – Representações de círculos concêntricos preenchidos, linhas em “ziguezague” policrômicas e um lançador de flechas na cor vermelha, à esquerda da imagem. (Foto do Autor, julho de 2007).



Outra ocorrência que a ser analisada diz respeito à ausência de representações antropomorfas, a presença excessiva de geométricos e a utilização da policromia, características que fazem com que estas imagens tenham peculiaridades tipicamente são-franciscanas. A título de comparação, o mesmo acontece com as pinturas rupestres de Arcos e Pains, região de transição entre as Tradições São Francisco e Planalto e que possui sítios arqueológicos com pinturas rupestres que podem classificadas enquanto pertencentes à tradição são-franciscana, o que pode ser verificado nas Figuras a seguir (Figuras 05 e 06).



Figura 04 – Pinturas rupestres de inspiração são-franciscana do Sítio arqueológico do Corumbá, município de Arcos, Minas Gerais. In: < http://macasf.blogspot.com.br/2011_02_11_archive.html >. Acesso em 05 de abril de 2013.



Figura 05 – Pinturas rupestres de inspiração são-franciscana do Sítio arqueológico da Posse Grande, município de Pains, Minas Gerais. In: < http://macasf.blogspot.com.br/2011_06_01_archive.html >. Acesso em 05 de abril de 2013.



Estas imagens, (Figuras 05 e 06), pertencentes ao sítio arqueológico de Corumbá e da Posse Grande, nas cidades de Arcos e Pains, respectivamente, demonstram as representações são-franciscanas características dessa região cárstica. Tal qual a Toca do Índio, estes sítios também possuem manifestações rupestres policrômicas marcadas pelos geometrismos, principalmente zigzagues monocrômicos e policrômicos, muitas vezes ladeados por pontos ou traços, assim como representações zoomorfas, principalmente ictioformes, e representações de utensílios, como cerâmicas e utensílios de caça.

A presença da policromia com vasta utilização e predominância do vermelho e do amarelo na Toca do Índio faz com que este sítio em questão apresente acentuadas semelhança aos sítios da região cárstica de Arcos/Pains, conferindo aos mesmos características similares demonstrando assim a possibilidade de corroborar tal ligação cultural.

Por fim, os locais onde estão situados ambos os sítios arqueológicos da região cárstica de Arcos/Pains assemelham-se em função de suas características de ocupação. Tanto em Andrelândia quanto em nestes sítios cársticos as pinturas foram confeccionadas em suportes rochosos protegidos das intempéries que por sua vez também serviram de local temporário de ocupação, o que pode ser comprovado pela existência de vestígios arqueológicos.

CONCLUSÕES

Podemos estabelecer não apenas uma, mas diversas versões para explicar a existência singular destas representações fora de seu limite geográfico, buscando ainda uma inserção das mesmas na Tradição São Francisco de pinturas rupestres. Primeiramente, não podemos deixar de analisar a possibilidade de migrações são-franciscanas terem expirado de seu território original, seguindo o curso do rio São Francisco até sua nascente e, posteriormente, dirigindo-se em direção ao curso do rio Grande, vindo a estabelecer-se na região de Andrelândia, de acordo com a seguinte representação geográfica.

Como foi ressaltado anteriormente, este fato pode ser corroborado pela existência de sítios arqueológicos munidos de pinturas rupestres com composições semelhantes na região de Arcos e Pains, cidades localizadas a meio caminho entre as nascentes do rio São Francisco e a região de Andrelândia.

Outras análises que poderiam confirmar tal proposta poderiam partir de estudos específicos a serem realizados com os fragmentos arqueológicos extraídos nas escavações organizadas pelo arqueólogo André Prous, na década de 1980. Materiais cerâmicos



extraídos na Toca do Índio podem demonstrar as semelhanças entre as características estilísticas dos mesmos em comparação aos que são originários comprovadamente das culturas são-franciscanas. Da mesma forma, materiais líticos como machados utilitários e cerimoniais ou pontas de flechas poderiam ser analisados no tocante aos seus formatos e quanto à origem de sua matéria prima, de modo a se estabelecer se foram confeccionados com material proveniente da região ou de outros locais, como a própria bacia do rio São Francisco.



Figura 6 – Perspectiva do Sul de Minas Gerais, sugerindo possíveis rotas de migração através dos cursos hídricos principais. Adaptado de PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília. Ed. UNB, 1992. p. 512.

Agradecimentos:

Aproveito a oportunidade para agradecer a orientação do Prof. Dr. Moisés Romanazzi Torres, do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São João del-Rei, pela orientação da monografia que resultou neste artigo. Igualmente, ofereço meus agradecimentos ao Núcleo de Pesquisa Arqueológicas do Alto Rio Grande pelo pioneirismo e dedicação na preservação da pré-história e do patrimônio histórico do sul de Minas Gerais.

REFERÊNCIAS

- GASPAR, Madu. **A Arte Rupestre no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 83 p.
 JESUS, Soraia; MALTA, Ione; PROUS, André. **As pinturas rupestres da Toca do Índio**. Disponível em < <http://www.npa.org.br/> >. Acesso em 26 de novembro de 2006.
 MALTA, I. M.; JESUS, S. M. O Abrigo da Toca do Índio - Andrelândia - MG. Um sítio da Tradição São Francisco na Zona da Mata. In: **Anais da Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Goiânia, 1985.



- MARTIN, Gabriela. **Pré-História do Nordeste do Brasil**. Recife: Ed. UFPE, 2005. 434 p.
- MIRANDA, Marcos Paulo de Souza. Serra de Santo Antônio: a origem deste nome. In: **Jornal NPA Informa**. N° 8 – Outubro. Andrelândia – MG, 2000. p. 8.
- PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília. Ed. UNB, 1992. 613 p.
- PROUS, André; MALTA, Ione e JESUS, Soraia. Lês Pintures Rupestres de la “Toca do Índio”, Andrelândia, Minas Gerais, Brésil. **Archives e Documents**. Paris, v. 87, 1987.

